

## TEMPO DE ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES EM AMBULATÓRIO DE ANTICOAGULAÇÃO E ESTABILIDADE NO TRATAMENTO: UM DESAFIO PARA A CONSULTA DE ENFERMAGEM

Coordenador: Eneida Rejane Rabelo da Silva; Autor: Vanessa Frighetto

**Introdução:** Pacientes submetidos à troca valvar, portadores de fibrilação atrial crônica e outras patologias, necessitam do uso contínuo de antagonista da vitamina K, também chamados anticoagulantes orais, na prevenção do fenômeno tromboembólico<sup>1</sup>. O fenômeno tromboembólico é um distúrbio complexo, multifatorial, com sinais e sintomas inespecíficos, facilmente confundidos com outras doenças<sup>2</sup>. Diversos fatores podem afetar a homeostasia e provocar a trombose, o que exige a terapia de anticoagulação<sup>3</sup>. As respostas ao tratamento variam para cada indivíduo, fazendo-se necessário uma monitorização rigorosa do efeito anticoagulante<sup>4</sup>. No Hospital de Clínicas de Porto Alegre essa monitorização é realizada no Ambulatório de Anticoagulação Oral (AMA), através de exames laboratoriais que avaliam os níveis da Razão Normatizada Internacional (RNI), que é o Tempo de Protrombina (TP) corrigido<sup>5</sup> e por meio de orientações e acompanhamento nas consultas de enfermagem. A consulta de enfermagem é de extrema importância no tratamento desses pacientes, pois por meio dela, é estabelecido um vínculo de confiança e apoio ao paciente, é um momento em que o profissional escuta, instrui, examina e decide um plano de ação em relação às necessidades apresentadas pelo paciente<sup>6</sup>. Sabe-se que a educação continuada é uma importante ferramenta na busca pela estabilidade terapêutica. Estudos demonstram que pacientes que realizam acompanhamento em ambulatórios de anticoagulação apontam melhoras com o passar do tempo<sup>7</sup>. A consulta de enfermagem vêm de encontro a essa proposta, ela é um elo entre o hospital e o cotidiano do paciente, sua abordagem de forma contínua servirá como base para as ações diárias de autocuidado do usuário, focadas na individualidade de suas necessidades e limitações. A bolsista de extensão pode acompanhar e auxiliar nas atividades do ambulatório, orientando e participando ativamente da consulta de enfermagem. **Objetivo:** Verificar a relação entre o tempo de acompanhamento e a estabilidade da RNI de pacientes anticoagulados no AMA. **Metodologia:** Trata-se de um estudo longitudinal retrospectivo realizado no período de março a agosto desse ano. Utilizaram-se como critério de avaliação os cinco últimos valores de RNI (das cinco últimas consultas de enfermagem), classificando o paciente como dentro do alvo terapêutico ou não, conforme sua indicação clínica. O tempo de acompanhamento foi estimado em meses, a partir da primeira consulta. **Resultados:** De 135 pacientes avaliados, 98 não se encontraram no seu alvo terapêutico na totalidade das cinco avaliações (Grupo 1) e 37 pacientes mantiveram-se no alvo (Grupo 2). O tempo médio de acompanhamento em meses foi semelhante em ambos os grupos: Grupo 1 foi 66,88 ( $\pm 32,70$ ) e do Grupo 2 foi de 67,24 ( $\pm 24,13$ ). A partir desses resultados pode-se constatar que (72,6%) não estava dentro do seu alvo terapêutico, enquanto quase um terço dos pacientes (27,4%) estavam com a RNI estável em todas as consultas. **Conclusão:** Verificou-se que não houve relação do tempo de acompanhamento no AMA com a estabilidade da RNI dos pacientes acompanhados. A estabilidade terapêutica da RNI é sabidamente multifatorial e entende-se o paciente como principal contribuinte no autocuidado ambulatorial, pois é ele quem irá guiar seu tratamento fora do ambiente hospitalar. **Processo avaliativo da extensão:** Cabe ao profissional de enfermagem com o apoio da extensionista, mapear os principais fatores que estão causando tais resultados, as barreiras encontradas durante o processo de autocuidado e traçar um plano de ações em conjunto com o paciente, levando em consideração suas crenças, limitações, estilo de vida e prioridades.

Descritores: anticoagulação; ambulatório; consulta de enfermagem.

### Referências:

1. CLAYTON, B.D, STOCK Y.N. Farmacologia na prática de enfermagem. 13ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
2. PIANO, L. P. A. Valor do teste de dosagem do Dímero-D plasmático no diagnóstico do tromboembolismo venoso agudo. Diss. Universidade de São Paulo, 2007.
3. SMELTZER, S. C; BARE, B. G. Tratado de enfermagem médico –cirúrgico. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, Vol 1, 10 Ed. 2005.
4. LOURENÇO, D. M.; ALVES, E. C. Controle laboratorial da anticoagulação oral. Arq Bras Cardiol, volume 68 (nº 5), 353-356, 1997.
5. HENN, C. D. B., SILVA, E. R. R. D., BOAZ, M. R., & SOUZA, E. N. D. (2008). Conhecimento dos pacientes sobre anticoagulação oral crônica acompanhados em ambulatório especializado. Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 29, n. 2 (jun. 2008), p. 207-213.
6. GALPERIM, M.; PORTELA, V. Consulta de Enfermagem. Porto Alegre, Apostila EEUFRGS, 1990
7. Khan TI, Kamali F, Kesteven P, Avery P, Wynne H. The value of education and self-monitoring in the management of warfarin therapy in older patients with unstable control of anticoagulation. Br J Haematol. 2004;126(4):557-64.